

## **As vozes silenciadas: o que falavam os personagens calados da Geração da Terra?**

### **Uma possível análise sobre “Entre Amigos”, de Amós Oz**

Juliana P. Schlesinger

“O escritor deve buscar (...) condições de trabalho e arte, de modo que o anseio do desenvolvimento pessoal completo não seja superior à dimensão do ideal social, e que a ideia coletiva lhe seja tão preciosa quanto o anseio artístico”<sup>1</sup>. Este trecho do regimento da “Associação dos escritores dos kibutsum e kvutso de Israel”, de 1955, trazido por Nancy Rozenchan no seu livro “Literatura Hebraica: vertentes do século XX”, ilustra bem sobre o que Amos Óz vem refletir e elaborar no livro “Entre amigos”.

Eu não me surpreendo com o fato de Amos Oz retornar, mais uma vez, ao palco kibutsiano para refletir sobre a sociedade israelense contemporânea. Inusitada, contudo, é a maneira como ele reflete sobre a literatura enquanto reflexo de uma época, presa a um tempo e sujeita à sua interpretação.

Mais do que sabido é o teor da literatura produzida pelos autores que foram canonizados na Israel do pós-Guerra da Independência. A valorização do hebraico, a negação da diáspora, a elaboração de um novo herói, o sentimento de glória e de poder, o coletivismo e o kibuts como locais supremos de convivência e microcosmo daquele mundo. A Geração da Terra, assim como qualquer geração literária, fez suas próprias escolhas, sempre tingidas por desejos éticos e morais, por anseios políticos, ideológicos e partidários. Esta geração mostrou, por meio da literatura, o quão apegada ela era ao solo pelo qual lutou e conquistou. Os indivíduos, nas suas obras, e suas questões particulares, foram quase que completamente calados, reduzidos ao sopro do deserto e ao barulho da

---

<sup>1</sup> Item do regimento da Associação dos escritores dos kibutsum e kvutso de Israel, 1955, IN: ROZENCHAN, Nancy. Literatura Hebraica: vertentes do século XX. Associação Editorial Humanitas: São Paulo, 2004, p. 9.

enxada. Os prováveis escritores que se adentraram no ramo do indivíduo naquela época foram calados juntamente com seus personagens.

A sensação que esta leitora tem é que nesta sua obra, Oz sugere uma visita à uma antiga sala conhecida, apresentada inicialmente pelos autores da Geração da Terra da literatura israelense. O escritor pode adentrar um espaço e descrever as cores que são utilizadas para tingir suas paredes, seus móveis, quantas pessoas estão lá, em que posição estão, sobre o que falam, enfim, ele escolhe o que haverá naquela sala e o que será mantido nas suas sombras. Oz nos convida a enxergar as penumbras daquele ambiente. Oz visita o imaginário kibutz Ikhat e procura ver aquilo que não apareceu na obra de seus antecessores e se pergunta: o que foi calado? Sobre o que falariam aqueles personagens se a eles fosse dado voz?

Dar a voz ao “nativo” é um jargão mais que recorrente na antropologia e nos estudos culturais contemporâneos. Como se a escolha do nativo que será ouvido fosse natural. Ele está lá, esperando a sua vez para falar. Não. Pergunto-me: a qual nativo dar a voz? O escritor buscará seu nativo, a voz que ele quer ouvir.

Amos Oz é um escritor político por excelência. “Entre amigos” levanta questões éticas e morais por meio de personagens e histórias que podem ser lidas como uma grande ode a um pensamento ou uma manifestação política. Mas Oz é um bom escritor. “Entre amigos” não é de forma algum um manifesto. É claro que problemáticas que foram suprimidas nas primeiras décadas do Estado, tal como o mizrachi, os árabes, a diáspora, a Shoá, a mulher, entre outros, podem ser motes para análise e leitura de “Entre amigos”. Oz é, contudo, muito bem sucedido na elaboração literária do romance, pois a política adentra “Entre Amigos” e funde-se com as emoções e ações de seus personagens, parafraseando Howe<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> HOWE, Irving. **A Política e o Romance**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

Creio ser “Entre Amigos”, de fato, uma revisita a uma sala conhecida, e de forma um tanto poética quanto minimalista, Oz coloca o ouvido na porta daquele “kibuts sonho” e tem a possibilidade de ouvir ecos de seres humanos humanizados, e não heroicizados, multifacetados, heterogêneos em suas origens e desejos, complexos e ambivalentes.

Alberto Manguel assim caracteriza o livro: “Ele pode ser lido como um romance composto por oito histórias, ou como um novelo de histórias tecidas em um romance”<sup>3</sup>. Seus personagens cruzam-se uns com os outros nas diversas historietas, o que gera, segundo Manguel, “um sentimento crescente de familiaridade desconfortável”. Esta técnica narrativa já havia sido usada por Oz no seu belo romance “Cenas da vida na aldeia”, onde um personagem secundário numa história tem a possibilidade de surgir como protagonista em outra.

O crítico literário Omri Herzog (na sua resenha sobre “Entre amigos” publicada no ano de 2012 no jornal Haaretz), também vê similaridades entre “Cenas da vida na aldeia” e “Entre amigos”. Para Herzog, “Cenas” já trazia uma escrita minuciosa, concisa, quase que recatada, para falar de algo que pairava no ar daquela pequena aldeia, cujos personagens pouco falavam.

“Entre amigos”, possui título retórico, pois as relações que Amós Oz buscará no microcósmico kibuts Ikhat não são relações amistosas, como é de se presumir que fossem nas obras da Geração da Terra, ou relações pouco interessantes, que talvez pudessem ser desconsideradas em nome de um ideal coletivista maior. As vozes deste kibuts, trazido ele mesmo e trazidas, as vozes mesmas, das cinzas por Oz, não são vozes de amigos. As

---

<sup>3</sup> <https://www.theguardian.com/books/2013/may/08/between-friends-amos-oz-review>. Between Friends by Amos Oz – review. Wednesday 8 May 2013.

peças vivem solitárias, repletas de medos e angústias, não constituem um coletivo, embora vivam um projeto e um ideal coletivista.

Ciúmes e inveja, traição, orgulho, fofocas, preconceito. É isso o que conhecemos do ambiente kibutsiano. A solidão também está presente nas oito histórias de “Entre amigos”. São, antes, indivíduos verdadeiros e não imaginados, indivíduos solitários que compartilham os espaços comuns do kibuts.

É disto que se fala, da disparidade entre o físico e o emocional. Estes são dois lugares que não convivem na narrativa de Oz. A arena política é habitada por pessoas a-políticas.

Mas não nos enganemos. Os personagens de “Entre Amigos” são contemporâneos, não são da década de 1950. As perguntas “até que ponto a ideologia sionista pode suprimir o lado individual e ambivalente desta empreitada pelo lado heróico?” e “Em que medida o heroísmo suprime seres humanos complexos?”, são estas perguntas contemporâneas, imbuídas de teorias culturais típicas do mundo pós-moderno, que não poderiam ser feitas naquela época, na década de 1950, quando o indivíduo foi suprimido. Amos Oz escreve seu romance imbuído de questões contemporâneas. O ambiente é de 60 anos atrás. As vozes e os personagens, de hoje mesmo. O livro é anacrônico por excelência.

Para esta comunicação, me detenho a ouvir e analisar a voz do protagonista que aparece na primeira história do romance, Tzvi Provizor.

Tzvi Provizor é polonês. É solteiro. Tem cerca de 50 anos de idade e trabalha no kibuts Ikhat há vinte e dois anos de maneira dedicada e bem sucedida no setor de paisagismo, sempre com canteiros bem cuidados e floridos. Ele instala caramanchões, planta flores em terrenos vazios, cactos em canteiros de pedra, instala fontes e repuxos com peixes dourados e plantas aquáticas. Quase que faz mágica no solo desértico. “Tinha um senso

estético e todos sabiam apreciar isso” (p. 8), conta o narrador presente em todas as oito histórias.

Uma palavra sobre este narrador. Ele narra na primeira pessoa do plural. Este “nós” traz a voz onipresente do kibutz coletivo, sempre relatando o olhar deste ente abstrato e genérico, supraindividual, mas, ao mesmo tempo, é este “nós” quem trará ao leitor as poucas informações íntimas e pessoais sobre os protagonistas de cada história.

Tzvi chegou ao kibutz antes do estabelecimento do Estado. Assim conta o narrador: “Ele (...) piscou os olhos e contou que em sua infância, na pequena cidade de Yanow, na Polônia, sonhara em ser estudante. Mas quando surgiu o movimento juvenil sionista dos pioneiros, Tzvi se deixou levar por ele e desistiu dos estudos”.

Tzvi quase que consegue falar. O narrador fala muito mais por ele do que ele mesmo o faz. Tzvi pronuncia-se apenas sobre temas distantes da sua vida enquanto indivíduo; ele se detém apenas na divulgação de notícias catastróficas. Sobre isso, ele fala com certa eloquência, mas sobre si mesmo, sobre o que o toca enquanto indivíduo, ouvimos um vazio. Com Luna Blank, viúva cujo marido morrerá como reservista na fronteira da Faixa de Gaza, entretanto, estabelece uma semi-relação de amizade. Este narrador descreve a relação afetuosa que é criada entre eles: “Trocamos algumas palavras ao anoitecer..., ele conversava com ela e piscava e ela amassava seu lenço entre os dedos...”. Tzvi sempre piscava. Mas nada falava.

Tzvi e Luna constroem uma relação poética. Falam da natureza, conversam sobre plantas e pássaros, alguns comentários sobre as dificuldades do ensino naqueles tempos. Ele planta para ela flores em seu pequeno jardim particular e lhe entrega poemas. “Mas já às oito horas, ou oito e meia, se despediam e Tzvi voltava ao seu quarto monástico de solteiro, onde sempre pairava um pesado cheiro de solteirice”, conta este narrador (p. 13).

Os dois, apesar de inúmeros comentários maldosos a respeito de sua relação, “não se assustaram com as fofocas e com as alfinetadas” (idem) e seguem se aproximando.

Tzvi, de fato, sabemos por meio do narrador, tenta aproximar-se daquela mulher, com quem compartilha momentos agradáveis, mas não consegue concretizar este desejo. Sente seu perfume, mas não consegue usufruir dele. Tem coisas a dizer, mas não as diz. Tzvi está preso a algo do qual não consegue desvencilhar-se. Ele traduz ao hebraico versos “carregados de sofrimento” do poeta polonês... O que diz o escritor? Nós não sabemos o que diz aquele escritor polonês.

Herzog analisa assim o uso da linguagem em “Entre Amigos”: “Sua escrita é em tom menor, silenciosa e quieta, utiliza uma parcela pequena das palavras do dicionário, com uma sintaxe simples e com empenho por um refinamento retórico e de trama”. Para o crítico literário, em comparação com a produção energética que caracterizou seus primeiros escritos sobre o kibutz, Oz parece fazer uma reflexão indulgente e melancólica sobre aquele lugar.

Tzvi Prozdor também é silencioso e quieto, certamente melancólico em relação a seu passado. Fala pouco, suas palavras contidas, seus sentimentos contidos. Indulgente? Luna disse: “Você foi um rapaz muito tímido. Mesmo agora você ainda é um pouco tímido”. Tzvi disse: ‘Você não me conhece muito bem.’ Luna disse: ‘Conte-me. Estou ouvindo’. E Tzvi disse: ‘Ouvi no rádio esta noite: no Chile um vulcão entrou em erupção. Quatro aldeias ficaram totalmente soterradas nas correntes de lava. A maior parte dos habitantes não conseguiu fugir’” (p. 14-15).

É isto o que Tzvi tem a dizer sobre si mesmo? Ele é a notícia catastrófica do rádio? Tzvi não é nada indulgente para com seu passado. Ele abandonou o sonho dos estudos e foi

plantar flores. Ele saiu da cidade e foi parar numa fazenda agrícola onde tudo o que pode dizer sobre si mesmo é catastrófico.

Os membros do kibuts conversam entre si sobre o contexto sociopolítico, sobre as operações de retaliação do exército israelense, sobre os árabes, sobre a guerra, sobre Ben Gurion, mas o que mais os interessa é a vida alheia. Vemos Tzvi nos olhos dos seus “mui-amigos”. “Corria a fofoca de que não tinha e nunca tivera interesse por mulheres e, na verdade, por homens também não” (p. 9). A Tzvi, pouco espaço é deixado de fala e nada de defesa. Ele fala pouco, emite sinais e não completa nem frases nem ações. Repete catástrofes somente. Algo o detém.

Tzvi também não conseguiu fugir. Nem de seu passado desvencilhou-se nem das possibilidades que a ele foram caladas, enquanto indivíduo, no kibuts Ikhat.

Está certo Omri Herzog quando diz que o silêncio é o grande mote de “Entre amigos”. Eu concordo com ele. Os personagens são contidos, pouco sabemos de suas histórias pessoais, as vozes mais bem ouvidas são vozes de fofoca e escárnio. Pouco sabemos dos escritores que leem, daquilo que abriram mão por um ideal maior que não se realizou no kibuts, o ideal coletivista e comunitário.

Amos Oz teve a coragem de revisitar sua escrita sobre o kibuts, suas experiências no kibuts onde viveu sua juventude, os seus personagens, seus colegas reais e fictícios de kibuts, e de colocar o ouvido na porta. Tudo o que ele viu, contudo, foram indivíduos frágeis e o que ouviu, foi um profundo silêncio. Não somente porque aquela geração de escritores foi canonizada pela voz do coletivo, em detrimento do indivíduo, mas porque aquelas pessoas, de fato, não falavam nada.

A “Associação dos escritores dos kibutsum e kvutso” foi imperiosa no resultado da literatura hebraica segundo suas normas. Ao colocar o ouvido nas portas do kibutz imaginário, Amos Óz vislumbrou um emaranhado de histórias que se entrecortam e encontra uma voz coletiva maldosa e beligerante. Nesta voz, o físico e o emocional não convivem e os indivíduos vivem bifurcados entre seres ansiosos para se tornar indivíduos e a voz imperativa do coletivo.

Anacrônico por excelência, Entre Amigos tenta dar voz a estes indivíduos que foram calados e tenta unir corpo e mente, postura social e desejo. Ele tenta, assim como Tzvi Prozdor, fazer mágica no solo desértico da supervalorização do coletivo, um coletivo não construtivo, mas destrutivo por excelência. Este seu narrador onipresente na voz do “nós”, também bifurcado entre um “nós” abstrato e malicioso, e um nós que redime o indivíduo, está atento ao fato de Tzvi sempre piscar, mas nunca falar do seu íntimo.

As lembranças de Amos Óz são melancólicas, tanto quanto Tzvi. O kibutz, de fato, é um local bonito, mas não é habitado por ideais belos de sociabilidade e respeito ao próximo. Ideais contemporâneos, e não modernos. Mas não acredito ser Amos Óz indulgente. Todos são jogados num abismo, coletivo e individual. O fim deles é a ruína, antecipada pela destruição da vila árabe vizinha ao kibutz Ikhat.

A oportunidade foi perdida. Tzvi e Luna tentam estabelecer uma relação independente do coletivo, mas no final da história, Luna vai embora e Tzvi volta a frequentar a sala dos membros do kibutz. A oportunidade foi perdida. Tudo o que existe é um vazio.

Tzvi, numa passagem da história, pergunta ao um membro do kibutz por quem passava: “Você ouviu falar de um escritor chamado Wislowski? Ele morreu. Escritores também morrem”. Acredito, sinceramente, que a história não perdoa as falhas dos homens. Nem



Tzvi se perdoou, muito menos Amos Oz perdoa os escritores que não relataram o vazio de seus personagens.